**CAPÍTULO XX**

**TRANSFOBIA NO BRASIL: O SILENCIAMENTO DO ARCO-ÍRIS**

**TRANSPHOBIA IN BRAZIL: THE SILENCE OF THE RAINBOW**

**RESUMO**

**Introdução:** A violência direcionada as pessoas Transexuais caracteriza-se como um grupo amplo que deleções, indo desde a violência dos corpos trans, a perda de direitos garantidos na constituição até os elevados índices de morte dessas pessoas no país que mais mata transexuais. E que os impactos dessas violências se perpetuam em todos os campos de vida das pessoas transexuais. Faz-se necessário entender a questão grave de saúde pública que isso representa e justifica-se a realização desse estudo. **Objetivo**: realizar um levantamento acerca da literatura disponível sobre a transfobia e violências sofridas pelas pessoas transexuais no Brasil. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão de literatura a partir de dados oficiais de órgãos governamentais, grupos LGBT e base de dados: Scielo e BVS. **Resultados e Discussão:** Foram utilizados 13 estudos que permitiram a discussão temática acerca de apontamentos sobre gênero, transexualidade e transfobia, estruturação da violência contra as pessoas transexuais e Dados sobre a violência contra pessoas transexuais. **Considerações Finais:** A escassez de dados evidencia a necessidade urgente de mais estudos que busquem identificar as variáveis relacionadas a violência conta as pessoas transexuais. E obter dados reais que possam ser estudados e divulgados no sentindo de fortalecer as estratégias de controle que combatam tal violência.

**Palavras-chave:** violência; transexualidade; pessoas trans.

**ABSTRACT**

**Introduction:** Violence directed at Transsexual people is characterized as a broad group that deletes, ranging from violence against trans bodies, the loss of rights guaranteed in the constitution to the high death rates of these people in the country that kills the most transsexuals. And the impacts of this violence are perpetuated in all areas of life for transgender people. It is necessary to understand the serious public health issue that this represents and the carrying out of this study is justified. **Objective:** to carry out a survey of the available literature on transphobia and violence suffered by transgender people in Brazil. **Methodology:** This is a literature review based on official data from government bodies, LGBT groups and databases: Scielo and VHL. **Results and Discussion:** 13 studies were used that allowed thematic discussion about notes on gender, transsexuality and transphobia, structuring of violence against transgender people and data on violence against transgender people. **Final Considerations**: The scarcity of data highlights the urgent need for more studies that seek to identify the variables related to violence against transgender people. And obtain real data that can be studied and disseminated in order to strengthen control strategies that combat such violence.

**Keywords:** violence; transsexuality; trans people.

**1 INTRODUÇÃO**

A transfobia é um fenômeno comum na vivência da população trans com consequências negativas para o seu bem-estar físico e psicológico, incluindo risco de homicídio e suicídio: uma questão de saúde pública, mental e de direitos humanos (Zerbinati, Bruns, 2019).

A transfobia se baseia em medo, desconforto, intolerância, rejeição, aversão, ódio, discriminação ou estigmatização à pessoa trans devido sua identidade de gênero. O comportamento transfóbico acontece sob a forma de opiniões negativas, exclusão social/institucional, agressões físicas, verbais ou psicológicas manifestadas mesmo que indiretamente com a pretensão de reforçar e garantir o discurso binário e naturalizante ao gênero a partir do sexo biológico (UNESCO,2017; ONU, 2014).

Considerando que a violência direcionada as pessoas Transexuais caracteriza-se como um grupo amplo que deleções, indo desde a violência dos corpos trans, a perda de direitos garantidos na constituição até os elevados índices de morte dessas pessoas no país que mais mata transexuais. E que os impactos dessas violências se perpetuam em todos os campos de vida das pessoas transexuais. Faz-se necessário entender a questão grave de saúde pública que isso representa e justifica-se a realização desse estudo. O objetivo geral do estudo é realizar um levantamento acerca da literatura disponível sobre a transfobia e violências sofridas pelas pessoas transexuais no Brasil.

**2 METODOLOGIA**

O presente estudo foi uma revisão narrativa de literatura realizada a partir de documentos publicados por órgãos oficiais do governo brasileiro, pela Organização das Nações Unidas (ONU) e por documentos produzidos por organizações e associações LGBTQIAPN+ como o Grupo Gay da Bahia (GGB), a mais antiga associação brasileira de defesa das pessoas LGBT em atividade no Brasil, e pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA).

**3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

**Apontamentos sobre gênero, transexualidade e transfobia**

O conceito de gênero utilizado neste estudo, tem embasamento na Teoria Queer, que tem como destaque a filósofa americana Judith Butler que, desde o final dos anos 80, tem problematizado a cristalização das identidades de homens e mulheres como derivadas das categorias macho e fêmea; além de denunciar que a construção e a demarcação fixa dessas subjetividades são as responsáveis não só pela hierarquização dos papeis sociais, como também por toda exclusão que vivenciam os sujeitos que não constituem identidades em consonância com as normas que definem os espaços de normalidade e anormalidade (Butler, 2018).

As relações de gênero são construções sociais que estão diretamente ligadas a modos de subjetivação. Nesse contexto, a palavra “transgênero” surge como um conceito “guarda-chuva” que abrange um grupo de pessoas que não se identificam com comportamentos e/ou papéis esperados do gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento. Este abrange dois aspectos de vivência de gênero, isto é, pela identidade (que seria travestis e transexuais) ou pela funcionalidade (crossdressers, drag queens, drag kings e transformistas) (Jesus, 2012).

Conceitua-se transfobia como discriminação contra pessoas travestis e transexuais (trans). É o tratamento desigual ou injusto dado a uma pessoa ou grupo, com base em preconceitos e exclusão. A transfobia gera ódio e não se materializa apenas na violência psíquica, mais principalmente pelos altos índices de assassinatos de pessoas trans (Abílio, 2016).

**Estruturação da violência contra as pessoas transexuais**

A população trans e travesti do Brasil é sujeita a estigmas, preconceitos e marginalização. A não conformidade com a cisheteronormatividade expõe tal população à exclusão social e diferentes formas de violência e violação de direitos fundamentais e constitucionais (Rocha, Lanza, Ribeiro, 2020).

Considera-se a cisheteronormatividade como uma imposição social de normas de gênero e sexualidade, ocasionando uma padronização das identidades de forma binária e biologizante, na qual aqueles que fogem da cisgeneridade e da heterossexualidade não são reconhecidos (Sousa, 2018).

Travestis e transexuais são pessoas que desafiam as convenções de performances de gênero e fogem aos padrões impostos pelo binarismo feminino/masculino nas maneiras de ser, de agir e de se comportar. São indivíduos que, na sua forma particular de estar e/ou de agir, ultrapassam as fronteiras de gênero esperadas/construídas culturalmente para um e para outro sexo, na medida em que constroem a sua identidade de gênero em dissonância com seu sexo biológico.

As pessoas transgêneras ainda sofrem com a patologização, de tal sorte que a ciência médica ainda utiliza os termos travestismo e transexualismo, os quais são classificados pela Organização Mundial da Saúde como disforia de gênero, na categoria “Transtornos de identidade sexual” ou “transtornos de identidade de gênero” (Abilio, 2016).

A transfobia está presente em todas as áreas da vida da pessoa trans. Em todos os espaços essas pessoas são violentamente desrespeitadas e seus direitos lhes são roubados. Um dos principais cenários de estigma, preconceito e exclusão às pessoas trans acontece nas escolas e universidades. No contexto educacional, a violência, seja velada ou materializada em agressões físicas dirigidas às identidades trans são desencadeadas não apenas por alunos, mas também pelo corpo docente. Essa contínua exposição à violência, além de prejudicar o aluno fora dos padrões sexuais hegemônicos, fere seus direitos e contribui para sua evasão escolar. Em decorrência do ambiente hostil, poucos sujeitos trans conseguem concluir os estudos básicos. (Franco, Cicillini, 2015).

A transfobia também esta presente nos serviços de saúde. As representações sociais dos trabalhadores de saúde estão fortemente ancoradas em morais religiosas e heterônomas, compreendendo as pessoas em questão a partir de uma ideia de promiscuidade, de risco a infecções sexualmente transmissíveis, de estereótipos, e entendendo sua sexualidade e identidade de gênero como incorretas, determinadas biologicamente ou, ainda, como antinaturais, sujeitas a uma questão de escolha pessoal. (Silva *et al*., 2019).

**Dados sobre a violência contra pessoas transexuais**

Em 2021, os homossexuais masculinos ocuparam o primeiro lugar no ranking de mortes de LGBTQIAPN+: 153 gays (51%), seguidos das travestis e transexuais com 110 casos (36,67%), lésbicas com 12 casos (4%), bissexuais e homens trans 4 casos (1,33%) (Oliveira, Mott, 2022).

No período compreendido entre 2011 e 2019 o Disque 100 registrou, em média, 1.666 denúncias anuais de violências contra pessoas LGBTQI+. Na análise da série histórica destaca-se o ano de 2012, quando o sistema registrou 3.031 denúncias e o ano de 2019, que apresentou redução expressiva e fechou com apenas 833 denúncias, redução de 50% em relação ao ano anterior. Entretanto, os dados coletados pelo SINAN, que serão expostos adiante, indicam que não houve redução das notificações de violências no sistema de saúde no ano de 2019. Indícios de que a invisibilização das violências contra pessoas LGBTQIAPN+ se aprofundou (Cerqueira *et al*., 2021).

No ano de 2021, tivemos pelo menos 140 (cento de quarenta) assassinatos de pessoas trans, sendo 135 (cento e trinta e cinco) travestis e mulheres transexuais, e 05 (cinco) casos de homens trans e pessoas transmasculinas. Entre os anos de 2008 e 2021 a média foi de 123,8 assassinatos/ano. Em 2021 o Brasil permaneceu como o que mais assassina pessoas trans do mundo pelo 13º ano consecutivo, segundo dados da ONG Transgender Europe que realiza o monitoramento global dos casos de transfobia desde 2008 (Benevides, 2022).

Em números absolutos, São Paulo foi o estado que mais matou a população trans em 2021, com 25 assassinatos, se mantendo no topo do ranking pelo terceiro ano consecutivo; seguido da Bahia, que saiu da terceira posição para a segunda, com 13 casos; Rio de Janeiro em terceiro, que aumentou de 10 casos em 2020 para 12 em 2021, e o Ceará teve 11 assassinatos ficando na quarta posição. a maior concentração dos assassinatos foi observada na região sudeste, com 49 assassinatos (35% dos casos). Em seguida, vemos a região nordeste, com 47 casos (34%) casos; a região centro-oeste com 15 (11%) assassinatos; o Norte, com 14 (10,5%) casos; e o Sul com 13 (9,5%) assassinatos.

No que se refere ao perfil das vítimas e dos crimes, a idade média das vítimas foi de 29,3 anos e 81% eram travestis/mulheres trans negras - pretas e pardas. Os crimes ocorrem principalmente nas ruas, principalmente em via pública, ruas desertas e à noite. Os casos acontecem com uso excessivo de violência e requintes de crueldade e os suspeitos não costumam ter relação direta, social ou afetiva com a vítima. Em relação as ferramentas empregadas no crime 47% foram cometidos por armas de fogo, 24% por arma branca, 24% por espancamento, apedrejamento, asfixia e/ou estrangulamento e 5% de outros meios, como pauladas, degolamento e ateamento de fogo (Benevides, 2022).

Nos dados constantes do SINAN publicados no Atlas da violência 2021, 98,8% dos registros não possuem a informação sobre a identidade de gênero das pessoas. E que no caso do disque 100, este sequer traz referência sobre as denúncias em relação as pessoas trans. Observa-se uma ausência extrema de dados governamentais e informações sobre a população LGBTQIAPN+ vinda do estado. Todos os estudos promovidos pelas organizações LGBTQIAPN+ evidenciam incisivamente para a urgência da produção, sistematização e publicização de dados e indicadores de violência contra LGBTQI+ no Brasil.

**4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os altos índices de violência direcionados a pessoas transexuais, bem como a toda população LGBTQIAPN+, evidencia a necessidade de se educar as comunidades e promover o ensino nas escolas acerca de identidade de gênero e orientação sexual. Promover discussões em todos os espaços públicos a fim de se combater a desinformação e o preconceito estrutrual em nossa sociedade. A partir disso, poderá haver a desconstrução do machismo impregnado na sociedade cisheteronormativa atual. Entendendo que os crimes de ódio se perpetuam por conta dos preconceitos estabelecidos nas relações socias que tendem a legitimar a heterossexualidade e a binariedade enquanto condições dominantes e a subjugar os desviantes de condutas tipicamente aceitas (homossexuais e transexuais). Há ainda que se fortalecer as políticas públicas já estabelecidas que visem diminuir a perda de direitos civis adquiridos, bem como deslegitimar esses corpos que continuam a serem violentamente atacados. A escassez de dados evidencia a necessidade urgente de mais estudos que busquem identificar as variáveis relacionadas a violência conta as pessoas transexuais. E obter dados reais que possam ser estudados e divulgados no sentindo de fortalecer as estratégias de controle que combatam tal violência.

**REFERÊNCIAS**

Abílio, A. G. M.Travestilidade e transexualidade: o reconhecimento jurídico das identidades sociais**. Revista Hispeci & Lema On-Line**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 126-142. 2016.

Benevides, B. **Dossiê Assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2021.** Associação Nacional de Travestis e Transexuais – ANTRA. 2022.

Butler, Judith P. **Problemas de gênero [recurso eletrônico]: feminismo e subversão da identidade** / Judith P. Butler; tradução Renato Aguiar. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

Cerqueira, D. et al. **Atlas da Violência**. São Paulo: FBSP. 2021.

Franco, Neil; Cicillini, Graça Aparecida. Professoras trans brasileiras em seu processo de escolarização. **Revista Estudos Feministas**, v. 23, n. 2, p.325-346, 2015.

Jesus, J. G. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Brasília, 2012

Oliveira, J. M. D.; Mott, L. **Mortes violentas de LGBT+ no Brasil: relatório 2021**. Salvador: 1ª ed. 2022. 78 p.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Jogo Aberto: respostas do setor de educação à violência com base na orientação sexual e na identidade/expressão de gênero**. Relatório Conciso. 2017.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Promoção dos direitos humanos de pessoas LGBT no mundo do trabalho. Projeto “construindo a igualdade de oportunidades no mundo do trabalho: combatendo a homo-lesmo-transfobia”**. PNUD, OIT, UNAIDS. 2014.

Rocha, G. L.; Lanza, H. R.; Ribeiro, S. D. Transfobia, masculinidades e violência sob a ótica da psicanálise.**Reverso**, Belo Horizonte, v. 42, n. 79, p. 67-74, jun.  2020.

Silva, A. L. R. da, et al. Representações sociais de trabalhadores da atenção básica à saúde sobre pessoas LGBT. **Trab educ saúde [Internet]**, v. 17, n. 2, e0019730. 2019.

Sousa, V. P. Desconstruindo a cis-heterossexualidade uma perspectiva decolonial. ARTEFACTUM - **Revista de Estudos em Linguagens e Tecnologia**, v. 16, n. 1, 2018. Publicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Zerbinati, J. P.; Bruns, M. A. de T. Transfobia: contextos de negatividade, violência e resistência. **Revista Periódicus,** v. 2, n. 11, p. 195–216. 2019.